

# **Biopoder, biopolítica e o Overmundo**

Carlos Roberto Calenti Trindade

Esse trabalho vai se deter sobre os conceitos de biopoder e biopolítica, como importantes reflexões para entendermos a contemporaneidade, e sobre alguns fenômenos específicos que acontecem e que nos parecem exemplares, tanto como portadores de características das mudanças que queremos expor, quanto como vetores de transformações e resistências. Falamos, aqui, principalmente do site brasileiro Overmundo, e, mais genericamente, das mídias colaborativas. Os conceitos de biopoder e biopolítica que utilizaremos são aqueles desenvolvidos pelo filósofo Antonio Negri. Mas, para uma compreensão melhor das suas idéias, discorreremos anteriormente sobre os conceitos originais, dos quais Negri se utilizou, que aparecem na obra de Michel Foucault. Depois de discorrermos sobre tais idéias, explicaremos como funciona o Overmundo, e, por fim, relacionaremos as idéias de Negri com o site em questão.

## **Conceito de biopoder em Foucault**

O conceito de biopoder (e biopolítica) foi cunhado originalmente por Michel Foucault, no primeiro volume do seu História da Sexualidade. A idéia de biopoder veio se juntar às reflexões sobre as práticas disciplinares, ambas técnicas de exercício de poder, particularmente a partir do século XVIII e XIX. As disciplinas se voltavam para o indivíduo, e para o seu corpo, para a sua normalização e adestramento através das diversas instituições modernas que esse indivíduo atravessava durante a sua vida (a escola, a caserna, a fábrica, o hospital, a prisão, e etc.). Eram instituições que docilizavam os corpos e os tornavam aptos à produção industrial, vigente enquanto produção central nessa fase do capitalismo. Segundo Foucault (1988, p.151), as disciplinas centravam-se “no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos”. O poder disciplinar age através da inscrição desses corpos em espaços determinados, do controle do tempo sobre eles (rapidez para maximização da produção e etc.), da vigilância contínua e permanente, e da produção de saber, conhecimento, por meio dessas práticas de poder (Machado, 1979, p. XVII).

[a disciplina] É o diagrama de um poder que não atua do exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial, capitalista. (idem, XIX)

Se a disciplina agia sobre os indivíduos, o biopoder, segundo Foucault, agia sobre a espécie, “no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos” (1988, p. 152). E sobre esse corpo-espécie, o biopoder cuidava de processos como nascimentos e mortalidades, da saúde da população (doenças e epidemias, por exemplo), da longevidade, e etc. O biopoder é a gestão da vida como um todo, técnicas de poder sobre o biológico, que vira central nas discussões políticas. Modificá-lo, transformá-lo, aperfeiçoá-lo eram objetivos do biopoder, e, é claro, produzir conhecimento, saber sobre ele, para melhor manejá-lo. Assim como a disciplina foi necessária na docilização do corpo produtivo fabril, o biopoder foi também muito importante para o desenvolvimento do capitalismo, ao controlar a população e adequá-la aos processos econômicos. “O investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e a gestão distributiva de suas forças foram indispensáveis naquele momento” (Foucault, 1988, p. 154).

Foucault fala, então, de uma mudança fundamental no modo como a vida é encarada pelo poder. Nas Sociedades de Soberania, o soberano detém o direito sobre a vida e a morte de seus súditos, particularmente nos casos em que o primeiro se encontra ameaçado – seja devido a inimigos externos, que provoquem guerras, expondo assim a vida dos súditos nas batalhas, seja o próprio súdito, que se levanta contra o soberano, e deve então ser morto como castigo. De qualquer forma, o poder aí se exerce no limite da vida. Segundo Foucault “o direito que é formulado como ‘de vida e morte’ é, de fato, o direito de *causar* a morte e *deixar* viver” (1988, p. 148). Nas Sociedades Disciplinares, no entanto, o poder sobre a vida não vai mais se voltar para os momentos em que ela pode ser extinta. Pelo contrário, o biopoder vai tratar de gerir a vida em toda a sua extensão, de organizá-la, majorá-la, vigiá-la, para que possa ser incluída, de forma controlada, nos aparelhos de produção capitalistas. De fato, não se trata mais de uma lei que vise a morte, trata-se de “distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade”

(idem, p. 157). É uma lei normalizadora, que vai se utilizar de diversos aparelhos (médicos, administrativos) para regular a vida.

Mas, esse processo que levou à vida ao objeto máximo das investidas das tecnologias do poder, também a colocou no centro das lutas *contra* esse poder. A vida, os direitos sobre ela, sobre o corpo, a felicidade, o ser vivo, se transformaram no foco das lutas políticas, das resistências:

O que é reivindicado e serve de objetivo é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. Pouco importa que se trate ou não de utopia: temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada para o sistema que tentava controlá-la. (Foucault, 1988, p. 158).

## **Biopoder e biopolítica para Negri**

Alguns autores, utilizando-se das reflexões de Foucault, identificaram uma transição no modo de organização do poder na nossa sociedade, que Foucault começou a perceber, mas não teve tempo para desenvolver completamente. Gilles Deleuze, principalmente, fala da passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle, características da contemporaneidade. Se as disciplinas agiam em espaços de confinamento (escolas, fábricas, hospitais, prisões), o controle se espalha por todo o tecido social. Deleuze diz que o poder não age mais como molde, como acontecia nas sociedades disciplinares, mas por modulações, flexíveis e constantemente aperfeiçoáveis. Assim, o tempo do trabalho não é mais só o da fábrica (que se transforma em empresa, e se preocupa cada vez mais com a produção de serviços, e não de mercadorias), mas se estende por toda a vida do trabalhador, a formação também nunca termina, é contínua (“nunca se deve parar de estudar”). Para Hardt & Negri (2001, p. 42) as sociedades de controle são aquelas nas quais “mecanismos de comando se tornam cada vez mais ‘democráticos’, cada vez mais imanentes ao campo social, distribuídos por corpos e cérebros dos cidadãos”. Os mecanismos de controle, para eles,

são intensificações das disciplinas, agora estendidos para além dos espaços determinados das instituições e se organizando em redes flexíveis e flutuantes. Como a forma de comando se transformou, Antonio Negri acredita que o biopoder também se reformula. É esse novo biopoder, e a biopolítica correspondente, que relacionaremos com o Overmundo. Mas, para explicá-lo precisaremos, primeiramente, entender algumas outras mudanças por qual o mundo passa.

Para Hardt e Negri (2001), a transição da disciplina para o controle, e também a mudança no próprio modo de produção capitalista, que passa do industrial para o cognitivo, mais voltado para os serviços e para as operações que envolvam o intelecto, o cérebro dos trabalhadores, são resultados de uma acumulação de lutas, ocorridas nas décadas de 60 e 70. Eles dizem que, por um lado, a organização crescente do proletariado fabril, principalmente nos países dominantes, e as suas reivindicações, aumentaram consideravelmente o valor de seus salários, diminuindo, conseqüentemente, o lucro dos empreendedores capitalistas. Por outro, uma série de lutas que já não envolviam diretamente o mundo do trabalho tomava forma. Eram, inclusive, manifestações de recusa ao trabalho repetitivo, às práticas disciplinares do mundo fabril. Eram movimentos que valorizavam o tempo do não-trabalho, como os estudantis e os feministas, que traziam para o seio das discussões políticas o conhecimento (no caso do primeiro) e a vida “pessoal” e a afetividade (no caso do segundo). Eles significaram a construção de uma subjetividade que passava ao largo das condições formais da produção fordista, lugar primeiro das práticas de comando do capital. E foi devido a essas pressões do proletariado, e a um deslocamento do lugar da produção para o próprio tecido social, que o capital foi obrigado a se reestruturar, entrando nessa fase que chamamos de capitalismo cognitivo, e buscar novas formas de comando.

Grosso modo, a produção fordista, típica do capitalismo industrial e das sociedades disciplinares, pode ser melhor caracterizada por uma lógica da reprodução e da repetição. Nesse contexto, o conhecimento existe, mas é exceção – o processo produtivo, restrito ao chão da fábrica, se fia num trabalho repetitivo, e na reprodução de mercadorias padronizadas. O que acontece atualmente, na época que chamamos de pós-fordista, é “a passagem de uma lógica da reprodução a uma lógica da inovação, de um regime de repetição a um regime de inovação” (Corsani, 2003, p. 15). No capitalismo

cognitivo a inovação é imanente à produção, que se torna cada vez mais externa ao capital e à empresa. O que se produz de mais importante não são mais mercadorias, mas conhecimentos, e conhecimentos só fazem sentido na sua própria reprodução, só se produzem no tecido social, num processo de criação cooperativo, que o valoriza. O que o empreendedor capitalista faz, então, é tentar capturar esses processos para dentro de suas empresas, que se reestruturam, na tentativa de melhor aproveitar as redes sociais, horizontalizando suas estruturas, também se organizando em redes, muitas vezes desterritorializadas, e tentando o máximo possível se livrar do peso da fabricação de mercadorias, se concentrando cada vez mais na comunicação, nos processos imateriais.

Assim, o caráter do trabalho também se transforma. Nessa empresa reestruturada, de caráter pós-fordista, com organização descentralizada e muitas vezes externalizada e com grande emprego de tecnologias comunicacionais, completamente integrada às redes informáticas e telemáticas, cada vez mais o trabalho central é aquele vivo, mais intelectual e comunicativo, cujo trabalhador deve tomar decisões, deve investir nos processos produtivos a sua própria subjetividade. Esse é o *trabalho imaterial*.

E, se o trabalho imaterial é aquele que mais depende da subjetividade do operário, é importante deixar claro que os processos de subjetivação são anteriores, ou exteriores, ao capital, ao vínculo formal assalariado. Eles ocorrem em processos comunicacionais e cooperativos que o trabalhador participa em toda a extensão de sua vida. O que está em jogo na produção de riqueza contemporânea não é mais o trabalho imediato ou o tempo de trabalho empregado, mas a própria capacidade do operário em lidar com o avanço das ciências, com as tecnologias, com toda a rede social. Dessa forma, toda a vida do trabalhador é levada para dentro da produção – transformando o tempo de trabalho supérfluo em fundamental para o tempo de trabalho necessário. Fica cada vez mais difícil distinguir o tempo de trabalho do tempo livre, e mesmo do tempo da produção. (Lazzarato & Negri, 2001).

Assim, quando a constituição do sujeito produtivo se dá independentemente da sua relação com o capital, aos empreendimentos capitalistas fica reservado o controle externo ao processo produtivo – porque internamente ele se estrutura nas relações cooperativas do trabalho imaterial, nas relações anteriores e exteriores ao seu domínio. Há uma tensão

interessante aí, entre o capital que demanda um trabalho que envolve toda a vida do trabalhador, produzindo riqueza nessa relação, e um trabalhador que se constitui anteriormente, na própria rede de cooperação social que é a sua vida, e só a partir dessa constituição se relaciona com o capital.

Assim, nesse contexto do capitalismo cognitivo, em que as externalidades, a vida toda do trabalhador é subsumida para o mundo do trabalho, para a sua relação com o capital, é que falamos do controle como forma de poder atuante em *toda a vida* dos sujeitos, na sua própria produção e reprodução. Por isso, também, é que Negri chamará esse poder que se investe sobre ela, recuperando as idéias de Foucault, de biopoder. Ele diz que é nas sociedades de controle, onde o poder se entende por todo o corpo social, que o biopoder vai encontrar a sua máxima atuação: “o poder é, dessa forma, expresso como um controle que se estende pelas profundezas da consciência e dos corpos da população – e ao mesmo tempo através da totalidade das relações sociais” (2001, p.44). As reflexões sobre o capitalismo cognitivo e o trabalho imaterial restabelecem, para Negri, algo que ele não identificava em nenhum outro autor que se voltou para o biopoder: a importância da produção para a biopolítica.

É importante, então, entender a diferença para autor entre os termos biopoder e biopolítica. Segundo Rabinow & Rose:

Whilst Foucault is imprecise in his use of terms, it might be helpful to suggest that, within the field of biopower, ‘biopolitics’ designates the specific strategies and contestations over problematizations of collective human vitality, morbidity and mortality. (2008, p. 2)

De forma parecida, mas dentro das suas noções próprias da transformação do biopoder na atualidade, Negri estabelece a diferença entre o biopoder, como aquele que investe suas tecnologias de controle sobre as redes de produção, afim de gestioná-las, absorvê-las e neutralizá-las, e a biopolítica, se aludindo a “espaços nos quais se desenvolvem relações, lutas e produções de poder” (Negri, 2003, p. 106). Assim, a biopolítica é o terreno das lutas, das resistências produtivas frente às tentativas do biopoder de modular

e neutralizar as redes de cooperação. Um conceito importante para entender essas lutas biopolíticas para Negri é o de *multidão*.

A multidão se diferencia da figura moderna de povo. O povo é uno, homogêneo. A multidão, como figura da coletividade contemporânea, é múltipla, heterogênea, é um conjunto de diferenças que se relacionam, de singularidades e não de indivíduos. Segundo NEGRI (on-line), a individualidade se define pela sua separação em relação ao todo constituinte da sociedade, do povo. A singularidade, pelo contrário, se constitui exatamente das relações que se estabelecem com os outros. “A singularidade é o homem que vive na relação com os outros, que se define na relação com o outro. Sem o outro ele não existe em si mesmo” (idem, p. 2). A multidão então é uma multiplicidade composta de singularidades cooperantes, de relações, o que não quer dizer fragmentação ou incoerência – pois a multidão age exatamente no terreno do comum. É em torno do que têm em comum que se unem as singularidades.

Dessa forma, a multidão é a entidade (bio)política principal de uma sociedade que se caracteriza pela organização em redes, pela produção cooperativa – uma produção que coordena singularidades em busca de um objetivo comum. É a multidão que trava as lutas biopolíticas, que resiste, e também que produz independentemente da sua relação com o capital. É a multidão que o biopoder vai tentar controlar, e é nesse lugar que acontecerão as tensões, os embates e as produções de poder que falamos anteriormente. É nesse lugar de resistência, produção e tensão biopolítica que enquadramos o Overmundo.

## **Overmundo**

Mas primeiro precisamos explicar o que é o Overmundo e como ele funciona. A maior particularidade do site é a sua característica colaborativa. Isso significa que todo o seu conteúdo é produzido pelos seus usuários. É a mesma comunidade que escreve, lê, publica seus trabalhos, edita, avalia, e, enfim, se envolve em quase todos os processos da sua existência. E qualquer um pode participar dessa comunidade. À proliferação

desse tipo específico de mídia colaborativa pela internet, tem se dado o nome de Web 2.0.

Está lá, na seção Ajuda<sup>1</sup>, que explica o fundamento do Overmundo para os usuários de primeira viagem e desavisados em geral: “O Overmundo é um website colaborativo dedicado à difusão da produção cultural brasileira e das comunidades de brasileiros no exterior, com foco em seus aspectos que não recebem cobertura devida da grande mídia.”. A partir dessa idéia central, e da premissa que qualquer pessoa pode participar da sua construção, o site se desdobra em algumas seções. As principais, voltadas especificamente para o trabalho de divulgação e discussão da cultura brasileira são: Overblog, onde se podem publicar matérias e entrevistas sobre a cultura brasileira; o Banco de Cultura, onde podem ser disponibilizados produtos feitos pelos participantes: músicas, vídeos, fotos, teses, poesias, contos e etc.; o Guia, onde os usuários podem publicar pontos interessantes de suas cidades (ou das que quiserem); a Agenda, onde podem ser divulgados festas e eventos; o Overfeeds, que disponibiliza um link direto para posts de blogs culturais cadastrados; e o Overmixter, uma espécie de outro site dentro do site, onde podem ser disponibilizados samplers, bases e vocais de músicas, ou as próprias músicas, para que elas possam ser remixadas. Outras seções servem mais como mecanismos compartilhados de funcionamento do site, como os Fóruns e as Filas de edição e votação. Existem ainda os perfis de todos os usuários, que criam uma rede social em torno do Overmundo.

O esquema de publicação das colaborações dos usuários no Overmundo respeita os ideais cooperativos que o norteiam. Nesse sentido, os seus criadores articularam uma solução bastante engenhosa em que a colaboração passa por um processo de edição coletiva (mas respeitando ainda a idéia do autor, que só aceita as sugestões de edição se quiser) e de votação pelos membros da comunidade. Ou seja, todo o procedimento de publicação é acompanhado pela rede, num processo desde o início colaborativo.

Assim, ao se publicar uma colaboração (para o Overblog, Guia, Agenda ou Banco de Cultura) ela vai direto para a chamada **Fila de Edição**. Cada colaboração fica 48 horas na fila, tempo em que todos os membros da comunidade que quiserem podem sugerir alterações na colaboração, no caso, por exemplo, de erros gramaticais, de formatação na

---

<sup>1</sup> [http://www.overmundo.com.br/estaticas/sobre\\_o\\_overmundo.php](http://www.overmundo.com.br/estaticas/sobre_o_overmundo.php)



página, ou mesmo de informação, e etc., e também indicar se a contribuição está fora de lugar (cabe a moderação<sup>2</sup> do site verificar se o alerta dado pelos usuários é válido ou não). Depois que a colaboração passou pela fila de edição, ela vai automaticamente para a **Fila de Votação**. Na fila de votação ela permanecerá por mais 48 horas. Nesse espaço do site os conteúdos ficam à disposição para que os membros da comunidade votem naqueles que gostaram e querem que se encaminhem para as seções a que aspiram. Para que isso aconteça, cada colaboração deve receber um número mínimo de votos (atualmente, esse número de votos é calculado por um algoritmo, ou seja, automaticamente, que leva em conta quantas pessoas visitaram e participaram do site no último mês. Em julho de 2008 o número de votos necessários eram 70). Se ela receber todos os votos que precisa, é encaminhada para a seção a que se destina; se não receber, a colaboração fica restrita à página pessoal do colaborador.

Esse mecanismo garante que, de antemão, a própria comunidade decida o que é mais do seu interesse e o que não é. Assim, cooperativamente, já se estabelece uma espécie de filtro de relevância, sempre, é claro, de acordo com os “humores” da comunidade e esse filtro se intensifica quando a colaboração já está fora da Fila de Votação. É aí que começa o que se chama de processo de ranqueamento de conteúdos. O ranqueamento de conteúdos estabelece, dentro das seções específicas e do site em geral, quais colaborações terão mais destaque. Ela funciona através dos *overpontos*.

Quando a colaboração já está livre das filas, o processo de votação continua. Mas agora ele serve para definir quais colaborações merecem mais destaque, ou seja, quais ficam nos primeiros lugares na ordem das seções. Para isso, cada colaboração tem um número de *overpontos* que é calculado através de um algoritmo que articula o número de votos que essa colaboração recebeu com o tempo em que ela está no ar. Assim, com quanto mais votos e quanto menos tempo, mais destaque a colaboração terá. As muito populares ficam na página inicial, até que o tempo passe e elas decaiam de posições gradativamente.

E, ainda: nem todos os membros do Overmundo têm o voto com o mesmo peso. Na verdade, o peso do voto dos colaboradores depende do karma dos mesmos. E, por fim, o karma é calculado em relação à participação do usuário no site. Quanto mais ele

---

<sup>2</sup> <http://www.overmundo.com.br/estaticas/expediente.php>

participou, seja com votos, comentários, colaborações, votos de outros membros para as suas colaborações e etc., em menos tempo, e na maior diversidade de seções, maior será o seu karma. Dessa forma, os overpontos garantem que os temas de maior importância para a comunidade ganhem maior destaque, e os karmas garantem que as pessoas com maior engajamento na construção do Overmundo tenham um peso maior na decisão do que é ou não relevante para o site. Articulados, esses mecanismos nos parecem uma solução bastante engenhosa para uma gestão colaborativa da informação dentro do Overmundo.

Essa idéia de uma governabilidade distribuída, de um poder mais difuso entre os membros da comunidade em torno do Overmundo é que, para nós, o coloca como uma manifestação patente da biopolítica da multidão. Se a multidão é essa relação entre singularidades, essa união das diferenças sem, no entanto, as homogeneizar, esse lugar comum da cooperação, podemos muito bem ver o Overmundo, que se cria, se produz exatamente através da cooperação, das relações dos usuários, como um lugar de expressão dessas diferenças, na busca de um poder mais imanente às sua própria composição. O Overmundo, e as mídias colaborativas em geral, se colocam frente a uma das formas do biopoder muito presente na sociedade de controle: o da mídia como moduladora de comportamentos, como normalizadora das singularidades, neutralizadora das potências da multidão. Lazzarato (2006) diz que a internet, e nós podemos dizer que mais radicalmente as mídias colaborativas, agem como uma força centrífuga, que libera essas potências. Possibilitar que qualquer um possa colaborar já cria uma tensão entre o discurso totalizador institucionalizado e esses discursos múltiplos e mais democráticos. Aliados a isso, os mecanismos de governança colaborativa que norteiam o Overmundo são um exemplo do quanto o site se empenha em conjugar, em articular as singularidades que o compõe para criar um espaço democrático, horizontal, de diálogo, de criação de outros mundos possíveis, de outras mídias possíveis. Um lugar que possibilita a produção dessa subjetividade que é independente às tentativas de aprisionamento pelo biopoder. É um espaço de tensão e luta, e também da produção biopolítica da multidão. De uma resistência que não se define apenas pela negatividade da crítica, mas que é produtiva, criativa.

## **Bibliografia**

CORSANI, Antonella. **Elementos de uma ruptura: a hipótese do capitalismo cognitivo**. In: COCCO, Giuseppe, GALVÃO, Alexander Patez, SILVA, Gerardo (org.). *Capitalismo cognitivo: trabalho rede e inovação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HARDT, Michael, NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAZZARATO, Maurizio. **As Revoluções do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAZZARATO, Maurizio, NEGRI, Antonio. **Trabalho Imaterial**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. **A constituição do comum**. Disponível em: <<<http://fabiomalini.files.wordpress.com/2007/03/a-constituicao-do-comum-traducao.doc>>>. Acessado em 19 de julho de 2008.

RABINOW, Paul, ROSE, Nikolas. **Thoughts on the concept of biopower today**. Disponível em: <<[http://www.lse.ac.uk/collections/sociology/\\_pdf/RabinowandRose-BiopowerToday03.pdf](http://www.lse.ac.uk/collections/sociology/_pdf/RabinowandRose-BiopowerToday03.pdf)>>. Acessado em 22 de julho de 2008.